

A tela como superfície de transmissão via invenção dos professores na pandemia da Covid-19

Este trabalho traz reflexões sobre as primeiras vivências dos professores em 2020, no início da pandemia de Covid-19, apresentando algumas saídas e invenções diante do estabelecimento do ensino remoto na rede privada. Foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas, com professores do ensino fundamental e médio de disciplinas variadas, respeitando a orientação psicanalítica de que o sujeito constrói um saber, no momento mesmo em que fala, que é marcado pela fantasia e o desejo, bem como pelos elementos que podem compor a transferência. Considera ainda a ideia de que o sujeito do inconsciente é resultante de um laço discursivo especial, reproduzido na relação transferencial e, em cuja estrutura, este saber que não se sabe tem lugar de verdade. Assim, a entrevista foi considerada como uma forma de contato direto com os sujeitos impactados pela pandemia e a mudança na sua prática profissional, buscando também proporcionar um espaço para que os professores pudessem trazer memórias e afetos sobre a experiência e, de alguma forma, poderem elaborar a partir de construções simbólicas provenientes das suas falas.

A entrevista foi baseada nos seguintes temas: incidências da pandemia na vida pessoal e na docência; tipos de suportes ou apoios necessários oferecidos pela instituição escolar; percepções sobre as características do ensino presencial em relação ao ensino remoto e seus possíveis impactos na aprendizagem; e, impressões dos educadores sobre as interações no ambiente virtual.

A escuta dos profissionais permitiu destacar o apagamento dos limites entre o público e o privado diante da exigência de transparência, o papel do olhar na transmissão do saber, os efeitos da transferência no espaço virtual para essa transmissão e, por último, o despertar da criatividade inventiva por meio da potencialidade do digital.

Em relação aos limites entre o público e o privado foi possível escutar que no ensino remoto, tais limites se tornaram ainda mais borrados, dificultando o estabelecimento de fronteiras entre a prática profissional e a vida pessoal. Se os sujeitos, em função da queda dos referenciais simbólicos da contemporaneidade, já se viam marcados pela complexificação da realidade e pela perda dos filtros de saber, também se encontram na lógica hipermoderna, que traz a fluidez, a intensificação do consumo e inserção numa espécie de sociedade da transparência (Han, 2017). O isolamento manteve os sujeitos em suas casas, mas ainda sem muros no que diz respeito à sua privacidade: o trabalho abriu o portão da casa, entrou nos cômodos, desfez limites concretos sem ainda haver limites simbólicos entre vida pessoal e trabalho. Dessa forma, os professores tentaram criar algumas estratégias para erigir estes limites.

Quanto ao olhar e seu papel na transmissão, se fez presente a dimensão que vai além daquela que se relaciona à transparência ou à vigilância, podendo estar associada à dimensão do Outro em relação ao desejo e que envolve o reconhecimento. Assim, a transmissão do saber se coloca naquilo que escapa ao campo visual: o objeto olhar. Este envolve a dimensão do gozo, o objeto *a* e o real. O real, que é algo que não se transmite, está presente na centralidade do desejo de transmitir (Porge, 2019) e é fonte da invenção.

Para discutir a transferência e seus efeitos, consideramos sua não exclusividade ao tratamento analítico, e sim como um fenômeno humano, central no processo de ensino e aprendizagem envolvendo professores e alunos. Neste processo, a transmissão se dá através da experiência, do afeto, ou como Freud apontou, da personalidade, que algo da ordem do enigmático pode fazer com que o aluno se mova em direção ao saber. Anteriormente, a aquisição do saber necessitava de uma dimensão de alteridade, mas em nossos dias é a partir de recursos tecnológicos e no isolamento que ela pode também se dar. Foi possível extrair das entrevistas que o desejo do professor possibilitou estabelecer algo como uma relação de confiança, que pode instaurar uma autoridade autêntica (Lacadée, 2005).

Quanto à dimensão da potência da virtualidade digital, os professores demonstram bem sua extensão. Pode-se observar que, se por um lado o ensino remoto apresentou dificuldades, os recursos tecnológicos trouxeram possibilidades renovadas. Pierre Lévy (1999) compreende o virtual em pelo menos três sentidos: técnico – ligado à informática – filosófico e corrente. Assim, no sentido filosófico, virtual se refere àquilo que existe enquanto potência, mas que pode atualizar-se, não havendo oposição com o real. Além disso, o virtual sempre fez parte do mundo por meio da polissemia das significações, sendo, portanto, inerente à ordem da linguagem. Nesse sentido, ele antecede à tecnologia em sua acepção mais corriqueira. Com a invenção da linguagem, o fluxo temporal passa a ser tomado como um todo que é atualizado pelo presente de forma parcial, fugaz. A imaterialidade da rede virtual estabelece novas formas de relacionamentos. Os professores que escutamos nos apontam que ainda que estejam submetidos a uma nova lógica imposta pelo ensino remoto, compreendem a potência inerente a esse processo e buscam aprender novas maneiras de lidar com o ensino atravessado pela tecnologia.

Nos últimos trinta anos, o processo de digitalização se tornou hegemônico a ponto de incidir no padrão cultural, na subjetividade e no laço social (Lima; Nobre, 2020), entretanto a educação mostrou-se um dos campos mais refratários a tal processo. Trata-se de uma atitude cautelosa em termos de uma assimilação imediata das tecnologias de informação e comunicação, o que nos permite distinguir ao menos duas leituras diferentes. Por um lado, este vagar revelava-se adequado e

coerente com a própria função social da educação e do estabelecimento escolar que, sem se render ao regime de urgência, pareciam dispensar todo o tempo necessário para compreender e converter o digital a favor de suas metodologias, tradicionais ou não. Sem dúvida, isso significou deixar de submeter-se às pressas ao aparato da digitalização, o que fez com que a educação representasse um dos últimos pontos de resistência, talvez necessária, diante da grandeza de sua missão. Por outro lado, esta postura também escondia raízes estruturais, estando calcada nas dificuldades técnicas já corriqueiras nesse universo e que certamente teria outras versões relativas ao novo instrumental a ser incorporado.

De toda a forma, a pandemia da Covid-19 tornou instantânea a adoção das ferramentas digitais e o que vinha se precipitando de modo gradual, passou a obedecer outras exigências. Assim, se na rede pública as atividades de ensino se mantiveram em suspenso diante da ameaça à saúde pública, no âmbito da escola privada uma segunda ameaça, a econômica, tornou urgente uma reconfiguração no formato das aulas, buscando evitar os prejuízos iminentes. No impasse que daí emergiu, os professores viram-se acuados entre o entendimento acerca de seu papel na transmissão e o inevitável atravessamento de seu ofício pelas câmeras dos programas de conferências virtuais. Sem tempo para resistir, restou aceitar e inventar, cada qual com os seus recursos, o que fazer a partir da superfície da tela.

Para Lacan (1960/2008), a criação é uma construção em torno de um vazio, núcleo da subjetividade, elemento em redor do qual o sujeito deverá se orientar em referência a seus desejos. A invenção dá um passo suplementar e, a partir de algo que já foi criado, propõe uma nova combinação para os elementos existentes (Miller, 2003). Desta forma, diante dos excessos que caracterizam nosso tempo na forma de imagens, informações e múltiplas demandas, os sujeitos precisam de invenções que possibilitem lidar com o mal-estar proveniente destas novas configurações. Num mundo mediado pela tela e marcado pelo imperativo de transparência, o que se dá é a ilusão de que tudo pode ser visto, sem sombras. Então, é preciso inventar para fazer sombra, dar lugar à opacidade, para que o singular tenha lugar, a partir do vazio. Capturados e imobilizados pela tela bidimensional, os professores estão sem vida, robotizados. Neste contexto, uma questão se faz emergente: como fazer furo na tela, deixar passar algo da dimensão pulsional, do real, dos tropeços e enganos, dos erros de cada um? Algo que escape ao cálculo, ao enquadre da tela e que dê espaço para o jogo do olhar que envolve luz e sombra.

Para o professor, transmitir sem contar com os olhares dos alunos – mas, muitas vezes apenas com as telas fixas, sem vídeo –, foi algo como cantar sem ouvir a própria voz. Entretanto, com a transferência estabelecida previamente, lá estavam os alunos, aguardando novos efeitos que

garantissem que o Outro, o professor, se fizesse presente, senão com seu corpo, com sua imagem, sua escuta, seu olhar, embora agora sempre perpassados pela tela. Assim, ao menos nos presentes casos, seu lugar simbólico parecia estar preservado. Além disso, no apagamento dos limites entre o público e o privado, o professor precisou ainda expandir sua capacidade de invenção em diferentes direções. Desse modo, para além de ter que inventar a partir das potencialidades dos dispositivos digitais de modo a garantir o engajamento dos alunos, o professor precisou ainda lançar mão de novos anteparos, necessários à preservação de sua privacidade diante dos múltiplos olhares que agora chegavam a seu espaço de recolhimento e privacidade. É também em termos transferenciais que tais anteparos produzem efeitos, na medida em que permitem manter a dimensão do enigma necessário ao laço e, portanto, ao engajamento dos alunos. Se a pandemia foi um divisor de águas nesse tempo de trabalho ininterrupto para os professores, a monotonia superficial da tela vem exigir um pouco mais de seu desejo para a transmissão do saber.

Referências:

- Han, B.-C. *Sociedade da transparência*. [Edição Eletrônica] Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- Lacadée, P. *La place d'un psychiatre au sein d'un collège*. Entrevista a K. Rouff, 2005. Disponível em: <https://www.lien-social.com/La-place-dun-psychiatre-au-sein-d-un-college>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- Lacan, J. *O seminário, Livro 7: A ética da psicanálise [1959-1960]*. Vers. bras. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Lévy, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- Lima, N. L.; Nobre, M. R. A escuta de adolescentes como dispositivo de resistência à lógica da cultura digital. In: Voltolini, R.; Gurski, R. (org.). *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação*. São Paulo: Contracorrente, 2020. (Col. Educação e Psicanálise)
- Miller, J.-A. A invenção psicótica. *Opção Lacaniana online*, n. 36, pp. 6-16, maio 2003. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/03_casas_loucos/04-referencias/textos/textos%20psicanalise/invencao. Acesso em: 08 ago. 2020.
- Porge, E. *Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, Hoje*. Campinas, S.P.: Unicamp, 2009.